

## 6.

### **Segunda parte: Retalhos da história, vida e missão dos presbíteros no sertão cearense**

Para que se faça uma justa leitura da evangelização dos povos desta terra, é importante sublinhar que o processo salvífico não se iniciou com a chegada dos colonizadores e missionários. Afinal, sabe-se, pelo testemunho do Evangelho, que a luz do Verbo divino, em qualquer tempo ou espaço, “ilumina todo homem que vem a este mundo”<sup>1</sup> e, assim, já exercia aqui sua ação misteriosa de salvação, antes mesmo da chegada dos missionários.

#### 6.1.

##### **Contextualizando os primórdios da evangelização da Igreja no Brasil**

Conforme a teologia da tradição católica, transmitida fielmente pelo Concílio Vaticano II, pode-se afirmar que Deus não chegou ao Brasil pela primeira vez com as caravelas de Cabral. As “sementes do Verbo” já atuavam nos corações dos povos nativos dessas terras. Como bem explica o papa João Paulo II, referindo-se a todos os povos da América: estes “eram conhecidos por Deus, desde toda a eternidade e desde sempre abraçados pela divina paternidade que o Filho revelou na plenitude dos tempos” (João Paulo II, 2008). Ademais, se considerada a história universal da salvação, conforme encontra-se registrada em grandes linhas na *Bíblia*, pode-se assegurar que, onde quer que esteja a criatura humana, ali já está operando a salvação de Deus. O caminho de Deus é, na verdade, o caminho humano.

Sendo assim, pode-se dizer que chegou com o projeto colonizador o anúncio explícito da salvação. E esta, ao situar-se no tempo, vem sempre marcada pelas contradições da história.

Mesmo que existam fatos negativos entre suas dobras, a história não é objeto de vergonha, mas de respeito e admiração. Ela documenta que o pequeno país de Portugal conseguiu dominar o Atlântico e aventurar-se nele para chegar a

---

<sup>1</sup> Cf. Jo 1,9.

outros povos, ter relações comerciais com eles e transmitir-lhes valores de sua cultura e de sua fé. O mar, diziam os antigos africanos, une entre si dois mundos. Basta atravessá-lo para encontrar um novo mundo. A história de Portugal é uma história de encontros proporcionados por viagens planejadas segundo critérios científicos rigorosos.

A Escola Naval de Sagres foi centro de formação e de estudo que, por um lado, formou ótimos navegantes; por outro, “reuniu os maiores estudiosos do mundo europeu em técnicas de navegação e lançou ao mar pelo menos um navio por ano para estudar o oceano, fazer mapas e anotar as posições das estrelas para guiar os navegadores” (Matos e Nunes, 1999, p. 9).

A Igreja, por sua vez, aprendeu a usar esses navios e a acompanhar os corajosos navegantes rumo aos povos desconhecidos com a sincera vontade de anunciar a eles a Palavra de Deus, em cumprimento ao próprio mandato do Senhor: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.<sup>2</sup>

Todo o processo de evangelização do Brasil tem início com aquele longínquo dia 8 de março de 1500 quando o rei Dom Manuel II, monarca português, autorizava o navegador Pedro Álvares Cabral a partir para as Índias Orientais (Baggio, 1985, p. 91).

A expedição liderada por Pedro Álvares Cabral, que desembocou no descobrimento do Brasil, levava consigo na frota de 13 embarcações (3 caravelas e 10 naus) cerca de 1.350 pessoas, nove missionários franciscanos e igual número de padres da Corte, destinados a dar assistência religiosa aos marinheiros e a entrar em contato com os índios de países desconhecidos. Cabral tinha grande apreço ao capelão da frota, Frei Henrique Álvares de Coimbra. A fé, portanto, navegava junto com aquele grande número de destemidos e participava de suas dores e esperanças.

Seguiu-se uma longa jornada das margens do Tejo em Portugal ao desembarque de 26 de abril. Foram dolorosos 44 dias no velho Atlântico. Enfrentaram, além das tempestades e das correntezas do mar bravio, as calamidades naturais. As conquistas e o domínio do mar deixaram para trás

---

<sup>2</sup> Mt 28,19.

inúmeras pessoas que também deram, direta ou indiretamente, a própria contribuição para o progresso de Portugal e a evangelização de um novo mundo.

A chegada ao Novo Mundo foi selada com a celebração da primeira missa – primórdios da evangelização –, presidida por Frei Henrique, que teve ao seu lado os outros religiosos, os demais membros das embarcações e um grupo de indígenas.

Na famosa carta de Pero Vaz de Caminha para o rei de Portugal, certidão de batismo do Brasil, encontra-se o relato desses acontecimentos, ambos marcados pela celebração da Eucaristia. A primeira missa ocorreu no Ilhéu da Coroa Vermelha (hoje desaparecido) e, a segunda, em terra firme, sob o signo de uma cruz de madeira cortada da mata local, que serviu como marco de posse, ostentando inclusive as armas do rei. Ao lado do altar esteve sempre alçada a bandeira da Ordem de Cristo. O batismo do novo país ocorreu em um cenário paradisíaco, com o altar plantado entre o imenso mar e a vasta e impenetrável mata. O sol abençoou com seu calor tropical aquela primeira liturgia celebrada ao ar livre e no mato. Em lugar dos sinos, milhares de aves rodeavam os participantes com seus cantos e revoadas, que bordavam o céu improvisando uma coreografia fantástica e fascinante.

Esse é um documento de valor inestimável; além das observações pertinentes à terra, aos seus habitantes e às possíveis perspectivas, leem-se explícitas intenções missionárias:

E de tal maneira é graciosa [a terra] que, querendo-a aproveitar, dar-se-á tudo. Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deverá lançar (Faustino, 2000, pp. 11-3).

Caminha fez também um forte apelo a Dom Manuel I, o Venturoso, rei de Portugal, para que enviasse quanto antes um religioso para a evangelização dos índios. Se alguns pensavam em mercados e riquezas futuras, outros tinham como objetivo propagar a fé em Jesus Cristo.

A preocupação de estender o Reino de Cristo aos habitantes do Novo Mundo estava então já presente no ânimo dos navegantes portugueses e espanhóis, que sempre levaram a fé junto com o desejo de conquistar novos mercados e riquezas para os seus cofres.

Porém, num primeiro momento, com os olhos voltados para as Índias, Portugal não deu maior importância à terra descoberta, limitando-se a enviar navios que, por duas vezes, exploraram o litoral, batizando com os nomes dos santos do calendário os acidentes geográficos da costa. Aventureiros e comerciantes logo em seguida descobriram o valor do pau-brasil e não demorou muito que visitassem a terra. Náufragos, prófugos, flibusteiros<sup>3</sup> e raros degredados, assim como alguns portugueses corajosos ou ousados, que decidiram se estabelecerem no Brasil.

Organizaram-se em precárias feitorias e seguramente não deixavam faltar assistência religiosa nas primitivas capelas. Com o tempo, levantaram-se igrejas, geralmente por iniciativa particular dos fiéis ou pelo zelo dos presbíteros. Com o passar do tempo, apareceu a necessidade de se criarem paróquias nos novos povoados.

Martim Afonso de Sousa, primeiro capitão donatário da terra de Santa Cruz (1530), fundou a sesmaria de São Vicente. Sabemos que daí foram aos poucos surgindo outras e 15 já se contavam quando da chegada de Tomé de Sousa em 1549.

Após cinquenta anos do descobrimento, o rei Dom João III recorreu ao papa Julio III, que, com a bula *Super spécula militantis ecclesiae*, de 25 de fevereiro de 1551, elevou a vila de Salvador à categoria de cidade e criou a primeira diocese do Brasil, desligando a nova diocese da jurisdição de Funchal (Ilha da Madeira) e determinando-lhe a área de 300 km de costa, mais 120 km para o interior. Na bula, falava-se do clero com 25 ou 30 sacerdotes diocesanos, mais uns 10 jesuítas.

Salvador, como centro religioso da missão além-mar, recebeu seu primeiro bispo na pessoa de Dom Pedro Fernandes Sardinha, que pastoreou seu enorme território de 1552 a 1556.

---

<sup>3</sup> Nome dado ao pirata americano dos mares nos séculos XVII e XVIII (do francês *flibustier*, derivado do inglês *filibuster*, palavra que, por sua vez, derivada do neerlandês *vrijbiter*). No século XIX, designava certos aventureiros americanos que chefiaram expedições às Antilhas e à América do Sul com o objetivo de saque. A palavra é uma composição de radicais conexos com os ingleses *free* (livre) e *booty* (butim), significando o que pilhava livremente. E originou o holandês *vrijbiter*, no século XV, e, depois, os termos ingleses *freebooter* (em 1570) e *filibuster* (em 1587), apesar de o uso dessa segunda palavra só se intensificar entre os últimos anos do século XVIII e meados do século XIX. Paralelamente, de forma direta ou indireta, derivou do holandês o termo *flibustier* (francês, em 1667), que gerou o espanhol *filibustero* (em 1836) e o português *flibusteiro* (na segunda metade do século XIX). Diferentes dos corsários, os flibusteiros só pilhavam navios espanhóis em alto-mar, usando para isso uma *carta de corso* qualquer, apenas como precaução.

Sob o regime de capitanias hereditárias, o papa Gregório XIII, com a bula *In supereminenti*, de 19 de julho de 1575, erigiu a prelazia do Rio de Janeiro, com a indefectível referência ao padroado, decisão essa motivada pela extensão do território atribuído ao bispo de Salvador, pelo crescimento da população e pela necessidade de evangelizar os indígenas. A prelazia de Pernambuco foi criada em 15 de julho de 1614 pela bula *Fasti noviorbis*, do papa Paulo V.

Em 16 de novembro de 1676, a bula do papa Inocêncio XI *Romani pontificis pastoralis sollicitudo*, elevou a antiga prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro e a prelazia de Pernambuco, por meio da bula *Ad sacram beati Petri sedem*, à categoria de diocese, passando a última a denominar-se Diocese de Olinda e sendo ambas sufragâneas da Sé Metropolitana de São Salvador da Bahia. A Diocese de São Luís do Maranhão foi criada a 30 de agosto de 1677 pela bula *Super universas orbis ecclesias*, do papa Inocêncio XI.

Seguiram-se depois a criação das novas circunscrições eclesiásticas: Belém do Pará (1719) pela bula *Copiosus in misericordia*, do papa Clemente XI; Mariana e São Paulo (1745), ambas, pela bula *Candor Lucis aeternae*, do papa Bento XIV.

As missões se colocavam a inteiro serviço da Igreja de Roma. Com a Independência, em 1822, a Sé Romana voltou a criar novas dioceses, como Porto Alegre (1848), pela bula *Ad oves dominicas rite pascendas*, do papa beato Pio IX. O mesmo pontífice cria em 1854 a Diocese de Diamantina (MG), desmembrada de Mariana, pela bula *Gravissimum sollicitudinis*, e a do Ceará, desmembrada de Olinda, pela bula *Pro animarum salute*.

A lentidão com que se estruturou a Igreja no Brasil até final do século XIX foi substituída pela rapidez com que nos últimos cem anos foram crescendo as dioceses e se transformando a sociedade e a vida cristã do país. Nem tudo aconteceu sem sombras. Não há como negar que muito sofrimento marcou a conquista (descobrimento) do país. Precisa-se compreender o passado, decifrá-lo e absorvê-lo no nosso patrimônio cultural, sem condená-lo. Nesse sentido, o documento de Puebla declara o seguinte:

A geração de um povo e de uma cultura é sempre dramática: luzes e sombras a envolvem. A evangelização, como tarefa humana, está submetida às vicissitudes da história, mas busca sempre transfigurá-las com o fogo do Espírito, no caminho de Jesus Cristo, centro e sentido da história universal e da de todos e cada um dos

homens. Sob o aguilhão das contradições e dilacerações dos tempos de colonização e no meio de um agigantado processo de dominações e culturas ainda não encerrado, a evangelização constituinte da América Latina é um dos capítulos relevantes da história da Igreja. Em fase de dificuldades tão desmedidas quanto inéditas, ela respondeu com uma capacidade criadora cujo alento sustenta viva a religiosidade popular da maioria de nossos povos (CELAM, 1998, n. 6).